

O lixo é um bom negócio: Adam Minter e seu Planeta Ferro-Velho

Valéria Gentil Almeida*

**Doutora e Mestre em Desenvolvimento Sustentável, pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (UnB);
Ph. D. Visiting Student at Johns Hopkins University.
Endereço eletrônico: vgentil@ig.com.br*

Recebido em 08.12.2014
Aceito em 15.01.2015

RESENHA

Adam Minter. *Junkyard Planet: Travels in the Billion-Dollar Trash Trade*. London: Bloomsbury Press, 2013. Includes photographs, index, maps. ISBN 9781608197910

Você já se perguntou, depois de jogar um jornal ou sua lata de refrigerante no coletor de lixo reciclável, para onde ela vai? Este é a pergunta emblemática feita pela maioria das pessoas que não reciclam, que não pensam sobre onde latas, garrafas, jornais, caixas e revistas vão depois de descartadas e recolhidas. Há um mundo de lixo lá fora: das TVs de tela plana às pequenas lâmpadas de árvores de Natal, não esquecendo de automóveis, máquinas, motores, celulares, e computadores. Contudo, pelo mundo afora existem milhões de pessoas que ganham a vida coletando e reciclando aquelas coisas que outros consideram inúteis. Eles as transformam em coisas que o consumidor, mesmo sem saber, fica ansioso para comprar.

Norte-americano, Minter escreve neste seu livro *Junkyard Planet* a respeito de uma indústria vasta (e frequentemente obscura) de reciclagem e reaproveitamento de lixo que movimenta globalmente 600 bilhões de dólares por ano. Essa indústria está mudando o nosso meio ambiente e a economia do planeta. Filho e neto de vendedores de sucata de Minneapolis (estado de Minnesota, EUA) (p. 12), Minter aprendeu, sem intermediários que o lixo de uma pessoa pode ser, verdadeiramente, o benefício – e até a felicidade - de outra. Neste seu peculiar livro, ele acompanha a globalização da indústria da reutilização e da reciclagem de sucata, concentrando-se nos exemplos da China e dos EUA, com alguma atenção dada também à Índia e a Taiwan. O texto inclui um curioso elenco de personagens, que vai desde magnatas da sucata que enriqueceram rapidamente a partir do zero até simples catadores e revendedores de lixo que sonham enriquecer.

Minter resiste a simplificar as questões que a China enfrenta atualmente: o país tem uma classe média crescente e que consome vorazmente; porém necessita de todo tipo de matérias primas para crescer economicamente; boa parte dessas matérias primas é extraída de diversos tipos

de resíduos sólidos que a China compra dos países mais ricos do mundo - EUA, Canadá, Japão e vários países da Europa. Adicionalmente, a China começou a gerar as suas próprias cotas de resíduos sólidos que competem com os resíduos importados dos países ricos. Minter destaca ainda que a oferta oriunda da sucata dos ricos, embora seja extraída em instalações poluentes e perigosas (para os trabalhadores e vizinhos), recicla e reaproveita o que não é reciclado e reaproveitado pelos países ricos e reduz os impactos ambientais globais da extração de novos materiais, principalmente produtos da mineração.

O autor descreve o impressionante mercado de reciclagem e reaproveitamento de Xangai, onde fragmentos de vários tipos de metal são extraídos de máquinas e motores velhos, de cabos obsoletos e de eletrônicos de segunda mão. O autor chama a atenção para o fato de que, quanto mais complicada for a tecnologia dos aparelhos sucateados, mais difícil se torna a reciclagem dos metais e de outros materiais que existem neles (p. 9).

Ele sustenta que o ramo da sucata é um dos empreendimentos mais viáveis e altamente lucrativos em muitos países em desenvolvimento e que ela tem uma trajetória que não mostra qualquer sinal de arrefecimento. A habilidosa compilação de Minter sobre os valores do negócio em si já faria de *Junkyard Planet* um livro poderoso. O que aumenta a sua importância é a voz confiante com que o autor conta a sua peregrinação por depósitos de sucata, ferros-velhos e unidades de reprocessamento de sucatas no mundo inteiro. O mero cheiro desses lugares lhe traz lembranças de sua avó, que lhe ensinou o negócio no ferro-velho da família (p. 11). Ele viaja extensamente pela China e outros países da Ásia, como, por exemplo, Malásia e Índia, depois cruza boa parte dos Estados Unidos visitando ferros-velhos. Narra inclusive uma longa viagem em que acompanhou um comprador de lixo chinês que conecta em tempo real magnatas norte-americanos de sucata metálica com compradores chineses dessa sucata, igualmente ricos.

Um dos casos mais ilustrativos narrados por Minter é o dos automóveis velhos. O território norte-americano ficou entulhado durante muitos anos, até poucas décadas atrás, com milhões de carros abandonados. Eles eram largados à beira de estradas, em parques, em rios, em ruas; alguns eram recolhidos e formavam altas pilhas em ferros-velhos por todo o país, escoando os seus fluidos velhos sobre fontes e campos, contaminando-os. Não parecia haver uma fórmula para dar fim a eles, exceto queimando, mas essa receita tampouco funcionou: nos anos 1960, dados do governo norte-americano mostravam que 7% da poluição do ar nos EUA eram provenientes da queima dos automóveis velhos (p. 7). Em 1970, Richard Nixon, Presidente dos Estados Unidos, levou o problema ao Congresso, com o fim de encontrar uma solução para a quantidade de sucata automobilística por todo o país. Os danos estéticos e ambientais eram os piores naquele período tido como referencial. Havia outra razão pela qual os carros abandonados constituíam um contratempo: eles eram lixo, exatamente como descreve Minter. Ele informa que cada veículo é feito de dezenas de quilos de aço e muitos outros materiais, produtos que podem ser vendidos se esses componentes forem separados.

Os próprios fabricantes de automóveis tentaram, durante décadas, conceber uma maneira de reutilizar economicamente o aço de seus produtos. Henry Ford tratou a questão à sua moda: o grande difusor da linha de montagem instalou uma “linha de desmontagem” em sua fábrica de River Rouge (estado de Michigan, EUA). Os seus funcionários drenavam os carros descartados de todos os fluidos que ainda tinham valor, removiam as partes que podiam ser resgatadas e enviavam os metais de volta para a fundição (p. 21).

Foi uma operação deveras impressionante e cara, mas teve vida curta, pois a desmontagem de carros não se revelou lucrativa. Nos anos 1950, enquanto legisladores, fabricantes de carros políticos ainda debatiam o problema. Mas Minter mostra que foram alguns comerciantes de sucata que tomaram a iniciativa de inventar e montar trituradores de carros técnica e economicamente viáveis. Enquanto isso, milhões de carros abandonados fazia crescer a sucata automobilística.

Em Houston (Texas), no ano de 1958, o negociante de sucatas Sammy Proler desenvolveu o “Prolerizer”, que tinha quase 300 metros de comprimento e era forte o suficiente para moer peças de carros. No ano seguinte, uma família de San Antonio (também no Texas) construiu um triturador capaz de processar carros inteiros (p. 23). Foi só em 2007, no entanto, que a indústria norte-americana da sucata automobilística, usando dezenas de trituradores desse tipo espalhados por todo o país, atingiu um marco importante: o acúmulo de carros velhos e abandonados nos Estados Unidos, que se iniciara na década de 1920, foi, finalmente, zerado (p. 25). Foram necessários, portanto, mais de 80 anos apenas para processar uma enorme população de carros obsoletos, acidentados, abandonados etc. Trata-se de uma lição significativa para quem encarar a reciclagem como um dever cívico, e não apenas uma preocupação da indústria de reciclagem.

Há vários outros episódios ilustrativos da dinâmica da indústria de sucata. Susan Jakes, que resenhou o livro de Minter para *The Los Angeles Times*, descreve a ocasião em que quebrou seu iPhone. O aparelho escorregou de suas mãos quando ela estava ajudando sua filha a sair do carro. Ao pegá-lo do chão, a tela estava quebrada no formato de minúsculos crisântemos e os caquinhos se cravaram dolorosamente em seus dedos. Felizmente, ela estava lendo o livro Minter. Susan entrou na Internet e procurou compradores para o seu iPhone com a tela quebrada (p. 15). Hoje o seu celular pode estar a caminho do outro lado do mundo, numa longa viagem marítima em direção à cidade chinesa de Guiyu, capital mundial da reciclagem e do reaproveitamento de componentes de celulares, detalhadamente descrita por Minter. O aparelho dela pode ter sido reprogramado, consertado e revendido para alguém que não tem condições de pagar por um iPhone novo; ou ele pode ter “doado” partes fundamentais para a criação de um novo celular.

Minter conta essa história (e muitas outras) com tanta maestria que, ao final do livro, Susan fica convencida de que o melhor local para se observar a globalização da economia pode muito bem ser o topo da mais alta pilha de lixo. Em 2011, os Estados Unidos exportaram 48 milhões de toneladas apenas de sucata metálica, de plásticos e papéis, para 170 países de todo o mundo. Calcula o seu valor em aproximadamente 45 bilhões de dólares. Aliás, essa é apenas uma parcela do lixo norte-americano. A China, além da maior receptadora de resíduos descartados por outros países, é hoje também o maior gerador de lixo do mundo (p. 16), se bem que os EUA ainda gerem quatro vezes mais lixo per capita.

Minter declara que, no negócio mundial da sucata, os lucros quase sempre provêm das boas intenções. O seu livro, que cobre essa indústria desde 2002, acaba por ser um guia excepcional sobre esse ramo crescente e desconcertante, para o qual faltam dados oficiais confiáveis e no qual há meandros e camadas subterrâneas difíceis de identificar e estudar a partir de uma prudente distância acadêmica. O autor enfoca, por exemplo, uma reaproveitadora de sucata na China que trabalha unicamente com luzes de árvores de natal queimadas. A sua finalidade principal é vender o cobre recuperado dos fios para usinas de metal, enquanto o revestimento plástico pode ser vendido para uma fábrica de solas de chinelos. Além disso, Minter ficou impressionado ao se deparar com uma caixa de cavacos de titânio recuperado da sucata, que mais parecem confetes, em Joliet (estado de Illinois). O dono do negócio explica que o titânio, quando queimado, produz uma chama branca; por isso, a companhia vende esses restos para fabricantes de fogos de artifício.

A indústria da sucata opera com margens de lucro moderadas; portanto, o volume de produção é de alta importância – em teoria, nenhum fragmento pode ser menosprezado. Milhões de embalagens de detergente jogadas fora, quilômetros de fios de cobre, qualquer coisa que pode ser comprada, expedida, processada e revendida todos os dias - tudo isso produz aqueles mencionados 600 bilhões de dólares anuais em termos globais (p. 30). Ao mesmo tempo, a indústria da sucata emprega milhares de pessoas em todo o mundo, embora, como aponta Minter, seja

difícil chegar a cifras precisas sobre muitos aspectos desse ramo industrial. Até em países desenvolvidos como EUA e Reino Unido, as estatísticas oficiais ignoram um número incontável de trabalhadores ocasionais, de mascates a ladrões de sucata, que “caçam” sucata em vizinhanças e lugares negligenciados. Atualmente, é assombroso o grau de mudança na indústria, como resultado dos avanços tecnológicos e da globalização. Esses dois fatores também impulsionam a indústria da sucata. Em 2012, quase metade do cobre usado na China teve origem nos ferros velhos dos Estados Unidos.

O ramo da sucata nunca foi dos mais glamorosos, mas Minter enxerga nele muitas qualidades. Trabalhos relacionados à sucata já ajudaram muitas pessoas a sair da pobreza: por exemplo, os trabalhadores chineses que separam metais passaram a receber salários melhores do que se trabalhassem na agricultura familiar. O autor acredita que a indústria facilitou o empreendedorismo, especialmente na China, onde a reciclagem de sucata se expandiu, em particular, com os funileiros, que compram as suas matérias primas de pequenos vendedores de sucata. Essa produção já fez com que uma quantidade imensa de lixo deixasse de ser incinerada, levada para o ferro-velho, ou, em primeiro lugar, gerada (p. 35).

No entanto, o problema do lixo ainda está longe de ser resolvido. Para ilustrar o impacto negativo dos resíduos industriais que se acumulam em vez de ser reaproveitados, Minter cita um estudo de 2010 segundo o qual mais de 70% das crianças pequenas de Guiyu - a maior área de processamento de lixo eletrônico da China - sofriam de envenenamento por chumbo, por causa de sucata não processada ou processada de forma ambientalmente irresponsável (p. 38). Minter se identifica como um ambientalista. Apesar de as plantas de reciclagem fazerem crescer a quantidade e a percentagem de lixo reciclado, pesquisas revelam que elas também contribuem para o crescimento do consumo total. O autor observa que o consumo gera lixo muito mais confiavelmente do que gera reciclagem, mas nota que o reaproveitamento e a reciclagem criam novos bens de consumo acessíveis a faixas mais pobres de consumidores.

Se o objetivo é alcançar um futuro prático e sustentável, Minter sustenta que é importante fazer mais para aumentar a vida útil dos itens consumidos, para reduzir e atrasar o seu encaminhamento para o lixo e os ferros-velhos e, eventualmente, para os aterros sanitários ou para indústrias de reciclagem e reaproveitamento. Minter cita diversos produtos que podem ser feitos de modo a serem recicláveis ou reutilizáveis, tais como o cobre das lâmpadas de natal, que é vendido para indústria manufatureira, eletrônicos. Da mesma forma, o revestimento plástico das luzes é usado até mesmo para fazer solas de sandálias, entre outros.

Coletores de lixo reciclável garantem benefícios ao indivíduo e à sociedade em geral. Cidades que reutilizam os seus resíduos com mais eficiência, como San Francisco, podem parecer mais “abertas”, e aquelas que não o fazem, como Houston, aparentam ser mais “resistentes”. Porém, a verdade pode ser deduzida mais pela economia do que pela cultura. Exportar lixo para outros países, como a China, é o mesmo que jogar os escombros de nossas vidas “pecadoras” sobre o pobre mundo em desenvolvimento, transformando-o em ferro-velho que ajuda a viabilizar o nosso consumo. Minter, que cresceu operando o ferro-velho de sua família, julga essas crenças degradantes e simplórias para os personagens de sua história, que tornam a indústria da sucata muito mais laboriosa do que ineficiente. O lixo é uma commodity e quem negocia e é beneficiado por commodities depende mais dos mercados interdependentes de nosso mundo globalizado e movimenta muito mais dessa commodity do que os recicladores amadores ou artesanais, de fundo de quintal. Coletores de lixo doméstico reciclável representam apenas uma pequena parcela da coleta total de lixo dos EUA, por exemplo (p. 48).

A razão pela qual a maior parte do lixo reciclado dos EUA vai para a China não é, necessariamente, como se costuma acreditar, o fato de a China utilizar esses materiais de modo mais eficiente. Dois motivos mais fortes são que (i) a China conta com leis trabalhistas e de proteção ambiental

mais permissivas (ii) a força de trabalho manual chinesa é abundante e barata. Se não fosse por isso, Minter diz, o lixo dos países ricos iria para o Sudão, e o Sudão não estaria enviando o seu lixo para a China.

Uma razão óbvia para que a China seja a maior importadora de sucata e lixo é a expansão acelerada de suas próprias fábricas, que requerem matérias-primas, e esses materiais são sempre mais fáceis e baratos de se obter por meio do processamento e da reciclagem do lixo dos países ricos. Uma vez que o comércio entre Estados Unidos e China é bem maior do que com outros países, os navios de contêineres que levam produtos para os portos norte-americanos voltariam para a China vazios (p. 58). É isso que ocorreria se os EUA não os ocupassem com materiais descartados recicláveis. Na realidade, a viagem de volta para a China está paga de antemão, pois os cargueiros atravessam o oceano cheios de lixo potencialmente reciclável. Expedir um contêiner de lixo da Califórnia (EUA) para Shenzhen (China) custa aproximadamente um quarto da quantia gasta para levar o mesmo lixo para Chicago. As cidades costeiras podem despachar com mais facilidade os materiais recicláveis do que as cidades do interior, como Chicago (p. 69). Dessa forma, áreas litorâneas densamente povoadas, como São Francisco, reciclam mais, porque isso é lucrativo para as empresas, enquanto cidades como Houston, onde é mais caro coletar lixo devido à sua população menor e onde existem mais áreas livres para fazer aterros, não reciclam tanto.

O projeto chamado “Resolvendo o Problema do E-Lixo”, apoiado pela ONU, informa que em 2017 cada pessoa no planeta descartará um quinto a mais de lixo eletrônico do que em 2013 (p. 81). Grande parte desse lixo será transportada do mundo desenvolvido para os países em desenvolvimento para reprocessamento e será devolvida ao mercado, um padrão de comércio que o projeto considera um problema em si. Minter discorda disso: ele não vê o comércio internacional de lixo como uma situação que envolva vítima e vilão, mas sim como um negócio com tons favoráveis ao ambiente e financeiramente proveitoso para todos os participantes e que já se tornou um componente-chave da economia global (p. 97).

Minter é um escritor conhecido e bem informado. Baseou o seu livro naquilo que testemunhou e vivenciou pessoalmente sobre diversos aspectos do comércio do lixo, tanto na China quanto nos Estados Unidos, os dois atores centrais da indústria da reciclagem (p. 116). A maioria dos indivíduos deseja descartar e esquecer os resíduos, guardando o seu entusiasmo para os novos produtos. O que acontece com o lixo banido para as margens e os desvãos da sociedade? A façanha de Minter consiste em responder essa pergunta, levando o seu leitor a atravessar um portão secreto e entrar um mundo insuspeitado, povoado por milionários que enriqueceram do zero, catadores de trapos descalços, e instalações e máquinas gigantescas (p. 132).

Se há uma razão para ser esperançoso quanto ao tema da geração, processamento e reaproveitamento da sucata, é que os consumidores precisam aceitar a filosofia de vida baseada, entre outros princípios fundamentais, nos conceitos de reciclagem, de reaproveitamento de bens em larga escala, e de durabilidade ampliada e “reparabilidade” dos bens. Minter considera que existem provas circunstanciais de que a juventude norte-americana está avançando na direção de uma “economia de aluguel”. Os jovens de hoje não têm as mesmas condições de comprar tantos “brinquedos”, como lanchas e carros, como os seus pais tiveram, e talvez nem mesmo tenham interesse nisso.

Se este processo continuar, os EUA do futuro poderão ter uma taxa de consumo per capita menor que a atual (p. 137). Os impactos de tal mudança seriam, entretanto, ofuscados pelo crescimento atual do consumo em escala internacional. Não obstante, o quadro tão bem apresentado no livro de Minter das forças que empurram o nosso lixo de um lado a outro pelo mundo prova que a humanidade ainda está em condições de determinar o que lhe cumpre manter e o que descartar. O essencial é que Minter não se põe a julgar o comércio do lixo: em sua opinião,

existem aspectos que são bastante preocupantes e aparentemente ruins; outros aspectos lhe parecem excelentes. Ele revela claramente a sua indecisão quanto a essas questões, mas mostra certeza de que o tema é um problema global e multifacetado que precisa ser mais bem conhecido, compreendido e estudado. Este seu *Junkyard Planet* é uma odisséia fascinante entre os montes de lixo de diversas partes do mundo e os catadores e recicladores, mulheres e homens que neles garimpam e os transformam em produtos novos e dinheiro vivo. Ou, recorrendo à definição da autora desta resenha, Minter escreveu um livro consistente sobre “pessoas residuais” e “resíduos das pessoas”.